

JORNAL DA TARDE
A Constituinte e a vanguarda do obscurantismo

25 MAI 1987.

Periodicamente, com muita verve, o senador Roberto Campos vem publicando na imprensa uma série de artigos tentando desvendar o verdadeiro significado — e as (más) intenções que se escondem por trás deles — de alguns jargões e expressões em moda no mundo político e económico brasileiro, verbetes que comporão uma obra maior, já intitulada Enciclopédia da Ignorância pelo autor. Pretende o ex-ministro do Planejamento desfazer os equívocos e a confusão gerados pela subversão semântica que impera em Brasília, utilizada pelos políticos e governantes para disfarçar seus reais propósitos.

Um exemplo clássico apresentado pelo senador Campos em seu inacabado dicionário:

"Nacionalismo — Atitude que frequentemente denota um misto de complexo de inferioridade e mania de grandeza. A expressão comporta várias modalidades. **Nacionalismo autêntico** — O daqueles que não tendo realizações objetivas a exibir usam o nacionalismo como uma espécie de diploma dado pelas faculdades de demagogia. **Nacionalismo de fanfarraria** — O daqueles que usam o nacionalismo para obter privilégios do governo, para prejudicar adversários políticos ou para se proteger da concorrência estrangeira. **Nacionalismo de fins** — O daqueles que acreditam que o desenvolvimento nacional é um fim para o qual devam ser mobilizados quaisquer capitais disponíveis — nacionais e estrangeiros. **Nacionalismo de meios** — O daqueles que, dispondo de salário e renda adequados, acham que é melhor um desenvolvimento lento, puramente interno, ainda que os pobres tenham de sofrer mais tempo. São conhecidas variadas definições de nacionalismo, por mestres eminentes. Segundo Einstein "é como um sarampo, essa doença infantil da humanidade". Segundo Vargas Llosa é "a cultura dos incultos, uma medíocre revolta da geografia contra a História". Segundo Gilberto Amado é a "forma zangada do patriotismo". Para Mussolini, era uma espécie de "ódio sagrado". Segundo Albert Schweitzer "é um patriotismo que perdeu sua nobreza, ao passo que o patriotismo, segundo o dr. Johnson, é o último refúgio dos velhacos". Para Jorge Luiz Borges, "o nacionalismo é um campo minado onde só se toleram afirmações".

Os debates nas subcomissões da Assembléa Nacional Constituinte e muitas interpretações das propostas que foram apresentadas pelos relatores mostram o quanto esta subversão semântica, como a descrita acima pelo senador Campos, envenenou a vida política brasileira. O conjunto dos pareceres saídos das subcomissões; como vimos já em outros editoriais, encampou, de preferência, sugestões que vão desde a ampliação da reserva de mercado e o aumento da estatização em todas as áreas da economia até a nacionalização dos bancos e a ingerência oficial nos órgãos de imprensa. Todas medidas de carácter totalitário, pois ampliam o já incontrolável controle do Estado sobre a sociedade, pedra angular dos regimes não democráticos.

E, no entanto, estas posições são apresentadas por seus defensores e por determinada imprensa como progressistas, avançadas. Vejamos só uma dessas posições de "vanguarda" — o relatório final da Subcomissão de Ciência e Tecnologia, assinado pela deputada Cristina Tavares — para sentirmos bem para onde nos levará este "progressismo". Dona Cristina classifica o mercado interno de "património nacional" e generaliza a reserva de mercado, "tendo em vista o desenvolvimento económico e a autonomia tecnológica e cultural nacional".

Para termos uma pálida idéia do que será do Brasil se esta proposta for aprovada, basta atentarmos para a situação em que nosso país se encontra no campo da informática: quase cinco anos depois da instituição legal da reserva de mercado continuamos copiando os modelos estrangeiros de micro e minicomputadores. Só no final da década estaremos produzindo o primeiro chip nacional, enquanto os Estados Unidos e o Japão já desenvolveram um superchip, capaz de armazenar mais de quatro milhões de dados, capacidade superior à de qualquer outro modelo usado atualmente pela indústria mundial. Sem contar que, para esses países, a inteligência artificial já deixou de ser coisa de ficção científica.

Como observou o senador Roberto Campos, a "progressista" dona Cristina Tavares pretende apenas que o Brasil retroceda ao começo do Império e vire as costas ao mundo: "Nenhum país tem como objetivo a autonomia tecnológica, pois o que todos pretendem é ter uma capacitação tecnológica própria e manter o mais vasto intercâmbio possível. A briga mundial não é pela reserva de mercado interno, mas pelo acesso ao mercado mundial", ensina o senador.

Nossos auto-intitulados "progressistas" estão defendendo idéias que no mundo ocidental estão fora de moda e são consideradas ultrapassadas e retrógradas há pelo menos 50 anos. E que já estão caindo em desuso até na União Soviética, matriz do pensamento da maioria dos "vanguardistas" caboclos. O camarada Gorbachov, desde que descobriu, conforme contou numa entrevista que deu ao jornal L'Unitá, do Partido Comunista Italiano, que a democracia é um valor em si e que sem ela não há iniciativa, não há participação direta na gestão da produção e não existe a interferência de cada um dos cidadãos nos problemas do conjunto social, está tomando a única providência viável para que esses valores possam ser alcançados pela sociedade soviética: está abrindo a economia de seu país à iniciativa privada, quebrando o monopólio do Estado, inicialmente na área de serviços, lutando com todas as forças para vencer a resistência das Cristinas Fagundes e dos penates do Politburo do PCUS...

No Brasil da subversão semântica, o senhor Gorbachov seria naturalmente classificado como conservador (antes de iniciar o Glasnost era considerado líder do socialismo democrático). É esta confusão que permite que pessoas de espírito totalitário obscurantistas, que pararam no tempo há 50 anos, passem por progressistas e vanguardistas. Nossos partidos políticos, aos quais falta consistência ideológica e programática e sobram fisiologismo e interesses subalternos, colaboram para manter essa farsa. O eleitor quase nunca consegue distinguir entre aqueles que defendem a liberdade (o primado da livre iniciativa) e os que defendem as soluções autoritárias (a preponderância do Estado).

As discussões na Constituinte, agora que entramos em sua fase mais substantiva, trazem sinais alentadores de que este quadro está mudando. A corajosa entrevista do relator da Comissão de Sistematização, deputado Bernardo Cabral — que causou tanto escândalo entre os vanguardistas do obscurantismo —, lembrando que orientará seu trabalho levando em conta a opinião — majoritariamente de centro — da Assembléa e não os delírios da maioria dos relatores "progressistas" das comissões temáticas, foi um indicativo desta nova fase. Mais auspicioso ainda é o nascimento de um bloco suprapartidário (não confundir com uma colcha chamada centro democrático, criado para defender o mandato presidencial de cinco anos) para enfrentar, na Constituinte, "a escalada estatizante das esquerdas".

Esses embates permitirão aos brasileiros, cansados de carregar um Estado inoperante nas costas, descobrir quem são os verdadeiros progressistas e os verdadeiros reacionários neste país.